

A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO NO BRASIL

Lia Cremonese – UFRGS

Neste artigo¹, investigamos como o campo da Linguística da Enunciação está caracterizado na literatura de estudos da linguagem no Brasil, a partir de um panorama de suas relações com as associações, periódicos e publicações editoriais.

1. As publicações

Neste item, abordamos os dois tipos de publicação de estudos acadêmicos: os periódicos (1.1) – que se referem, aqui, a revistas publicadas em papel ou em sites na internet – e as publicações editoriais (1.2) – que dizem respeito a livros. Em 1.1 também trazemos as maiores associações de estudos da linguagem do país.

1.1. As entidades e os periódicos

Dentro do imenso volume de periódicos que publicam artigos de estudos da linguagem no Brasil e da existência de várias associações da área, era necessária uma seleção que representasse significativamente a busca pelos estudos enunciativos em periódicos nacionais. Assim, selecionamos em duas das mais representativas associações do país (ABRALIN e ANPOLL), e, dentre as publicações, escolhemos as das próprias associações e as mais próximas aos grupos que estudam a Linguística da Enunciação hoje – editadas por UFRGS, PUC-RS, UNISINOS e UFSM. Analisamos também publicações que acreditamos bastante divulgadas e/ou, ainda, em virtude da importância das instituições que representam.

Dentro desse corpus, procuramos encontrar artigos que se referissem à Enunciação diretamente no título – fosse pelo sintagma Linguística da Enunciação, por teorias da Enunciação, fosse simplesmente por enunciação ou, ainda, enunciativo(a/s) – e também artigos que se filiassem à Linguística da Enunciação a partir da verificação da bibliografia dos artigos.

Ao buscarmos quaisquer referências ligadas à Linguística da Enunciação, encontramos um quadro teórico intrincado.

Como podemos constatar pela consulta à listagem disponível na sua página da internet, a ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) apresenta somente o grupo de trabalho (GT) “Linguagem, Enunciação e Trabalho” da área da Enunciação (GT32)². Tal grupo apenas foi criado em julho de 2006, no XXI Encontro Nacional da ANPOLL, realizado na PUC-SP.

Com o apoio da ANPOLL, Marsusch publicou, em 1992, o livro *Quem é quem na pesquisa em letras e linguística no Brasil*. Ao analisar a lista de descritores apresentada na obra, verificamos a ausência de qualquer termo ligado diretamente à Linguística da Enunciação, com o próprio termo, ou com apenas “Enunciação” ou “teoria(s) da Enunciação”, em um total de 391 pesquisadores.

A própria Revista da ANPOLL apresenta, dentre todas as suas edições³, apenas dois textos que se referem à Enunciação: “Enunciação, língua e memória”, de Eduardo Guimarães (n.2, 1996), e “Analyse du dialogue et demande sociale: comment l’intervention sur un domaine d’activité mobilise des hypothèses linguistiques” (n.13, jul.-dez. 2002), de Daniel Faïta. Esse artigo não traz tradução na revista⁴.

A Revista da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística), publicada entre 2002 e 2005⁵, tem apenas o texto “L’indexicalité de la référence dans l’interaction sociale: constructions discursives du ‘je’ et de l’‘ici’”, de Lorenza Mondada, da Université de Lyon 2. Ou seja, há somente um texto da área de Enunciação, não é de um pesquisador do Brasil e está em francês.

¹ Este artigo é parte de nossa dissertação de mestrado (CREMONESE, 2007).

² A consulta inicial em agosto de 2007. Em outubro de 2009, refizemos a busca, e este continua a ser o único GT dedicado à Enunciação (então sob o n.16 e sob a coordenação de Decio Orlando Soares da Rocha).

³ A publicação começou a ser editada em 1995 e era anual até 1998. Em 1999, passou a ser semestral, mas não tivemos acesso aos números 6 e 7, referentes a esse ano. Os últimos números, 12 e 13, são do ano de 2002.

⁴ O fato de haver textos em outras línguas não minimiza o valor de uma publicação, mas, certamente, restringe o acesso aos artigos.

⁵ Há quatro volumes da revista, distribuídos desta forma: v.1, n.1, de julho de 2002; v.2, n.1, de julho de 2003; v.3, números 1 e 2, de julho e dezembro de 2004; v.4, números 1 e 2, de dezembro de 2005.

A revista D.E.L.T.A. (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), editada e publicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)⁶, tem seu material disponível online a partir da edição de n.13, e os demais números apenas impressos. A primeira referência à Enunciação acontece no v.7, n.2 (1991), em um artigo de Ingedore Koch (“Intertextualidade e polifonia: um só fenômeno?”). No v.14, n.1 (1998), há o texto “Polifonia em enunciados negativos: vozes que habitam o dizer ‘não’”, de Décio Orlando Soares da Rocha, além de uma entrevista com Oswald Ducrot (“Semântica e argumentação: diálogo com Oswald Ducrot”), conduzida por Heronides Maurílio de Melo Moura. O v.15, n.especial (1999), é comemorativo dos trinta anos da ABRALIN e dedica-se a analisar a situação dos diversos tipos de estudos da linguagem no Brasil. A Enunciação é tratada no texto “Estudos do texto e do discurso no Brasil”, de Diana Luz Pessoa de Barros, em “Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil”, de Roberta Pires de Oliveira, e em “Os caminhos da pragmática no Brasil”, de Kanavillil Rajagopalan. No primeiro, a autora afirma que sete linhas de estudos do texto e do discurso se destacam no Brasil⁷, dentre as quais não há identificação de uma área que possa ser referida como “Enunciação”, “teorias da Enunciação” ou “Linguística da Enunciação”. Tais estudos estão reunidos no texto no item “2.1.5 Outros”. No segundo texto do mesmo volume, Oliveira traz Oswald Ducrot como um representante da Semântica. Por fim, no texto de Rajagopalan, há uma crítica à identificação de Ducrot como integrante da Pragmática. No v.16, n.1 (2000), há uma nota, feita por Odair Bermelho, sobre o livro *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*, publicado por Geraldo Tadeu de Souza. No v.19, n.1 (2003), há uma nota, de Adail Sobral, sobre o livro organizado por Beth Brait, *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. No v.20, n.2 (2004), há o texto “Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas”, de Ana Claudia Balieiro Lodi.

A revista Alfa, publicação alternadamente anual e semestral da UNESP (Universidade Estadual Paulista)⁸, não é muito diferente. Em seu primeiro número, de março de 1962, há o artigo “Estilística”, de Ataliba T. de Castilho, em que, embora não seja da área da Enunciação, há citação de Charles Bally, na análise das acepções do termo “estilística” ao longo do tempo. No volume n.18/19 (1972/1973), aparece o artigo “A significação linguística e sua análise” (de João de Almeida), que trata de Semântica Estrutural, trazendo Bally e Algirdas Julien Greimas na bibliografia. O texto “Para uma análise semântica argumentativa das conjunções porque, pois e já que”, de Carlos Vogt, está no volume n.22/23 (1976/1977).

O próximo texto relacionado à Enunciação que aparece na revista, o primeiro com menção direta, é a tradução (feita por L.M. Rezende) de “As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica”, de Catherine Fuchs. No n.35 (1991), “Tempo e aspecto, tempo e modalidade: de volta ao futuro”, de Telmo Corrêa Arrais, traz Benveniste em sua bibliografia em uma edição em espanhol⁹.

Há mais seis ocorrências de textos. O primeiro, do v.46 (de 2002) é o artigo: “Diálogo e dialogismo no processo de aquisição da linguagem”, de Fabiana Cristina Komesu. O segundo, do v.48 (1), de 2004, é “Linguística, tradução e literatura: observando a transformação pela arte”, de Adriana Zavaglia, que usa a teoria de Culioli. No ano de 1995, no v.49 (1), estão: “Heterogeneidade em narrativas escolares: sentidos que se constroem nas diferenças e nos desvios” (de Maria Madalena Borges Gutierrez), “Letramento, heterogeneidade e alteridade: análise de narrativas orais produzidas por uma mulher não-alfabetizada” (de Leda Verdiani Tfouni e de Anderson de Carvalho Pereira) – ambos com análises baseadas em Jacqueline Authier-Revuz – e “Usos e efeitos de estratégias argumentativas em avaliações do ensino superior” (de Márcia Regina Curado Pereira Mariano), que faz uso de Oswald Ducrot. Há, por fim, no v.49 (2), também de 2005, “Adolescentes e o primeiro emprego: da produção de experiência à estruturação subjetiva”, de autoria de Marlene Teixeira e de Deise Marques Chamorro, com base na teoria de Authier-Revuz.

⁶ A revista D.E.L.T.A. foi publicada pela ABRALIN e pela PUC-SP até o ano de 2001, quando a PUC-SP assumiu a totalidade da publicação. Apresenta três edições por ano: os números 1 e 2, referentes ao primeiro e segundo semestres, respectivamente, e um número especial.

⁷ “A Análise do Discurso (AD) francesa, a Semiótica Narrativa e Discursiva [...], as várias teorias do discurso inglesas, os estudos funcionalistas do discurso, a Linguística Textual [...], a Análise da Conversação e/ou análises da organização textual/interativa do discurso, e uma última direção que reúne, de modo mais eclético, estudos que dialogam com a Teoria da Literatura, a Semiologia, a Pragmática e a Semântica, Bakhtin ou Benveniste.” (BARROS, 1999)

⁸ A revista foi lançada em 1962 com periodicidade anual, o que ocorreu até 2003. Alguns volumes tiveram dupla numeração (1964: n.5/6, 1965: n.7/8, 1968: n.13/14), há biênios que foram reunidos em um só volume de dois números (1972/1973: n.18/19, 1974/1975: n.20/21, 1976/1977: n.22/23) e houve um período de suspensão da publicação (anos de 1978 e 1979). O ano de 1984 teve um suplemento, e os anos de 1997, 1998 e 2000 tiveram um número especial cada um. Entre 2003 e 2005, últimos anos da revista, foram publicados dois números por ano. Vale destacar que a identificação dos exemplares é feita por “número” até 1976/1977 e por “volume” a partir de 1980 (v.24).

⁹ BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguísticas general*. 6.ed. México: Siglo Veintiuno Editores, 1970.

Chama a atenção, na revista Alfa, o v.48 (2) (2004), que, apesar de ter como tema “Enunciação e figuratividade”, não traz textos estritamente da área. Afirma Renata Coelho, na apresentação do volume que “a maior parte dos artigos situam-se no quadro teórico da semiótica” (p.5). Tratam-se efetivamente de artigos dedicados à Semiótica. Ressaltamos que, ainda que a semiótica greimasiana esteja ligada à Enunciação, ela não é a Enunciação, o que não fica claro a partir da forma como foi elaborada a revista.

A ReVEL (Revista Virtual de Estudos da Linguagem), publicação acessível apenas através da internet, tem periodicidade semestral, e, a cada volume, aborda uma área específica dos estudos linguísticos. Em atuação desde 2003, está em sua nona edição. No seu primeiro número (v.1, n.1, ago.2003), dedicado à Linguística Textual, aparece o texto “Os dêiticos e a enunciação”, de Sandra Beatriz Koelling, e “Tempo e discurso”, de Janaina Weissheimer, este último comparando da noção de tempo em diferentes teorias. Do número 3 (v.2, n.3, ago.2004), cujo tema é “Estudos de Língua Falada/Análise da Conversação”, consta o texto “A subjetividade em salas de bate-papo”, de Valquíria Claudete Machado Borba. Já no número dedicado aos estudos do texto e do discurso (v.4, n.6, mar.2006), em que se enquadram as teorias da Enunciação, há dois artigos ligados à área – “A alteridade no monólogo”, de Rosi Ana Grégis, e “Sequência descritiva e argumentação”, de Cleide Lucia da Cunha –, nenhum deles faz menção direta a isso. A exceção é a “Resenha do livro Introdução à linguística da enunciação, de Flores e Teixeira”, de Silvana Silva.

Tomando os Cadernos de Estudos Linguísticos (CEL), da UNICAMP, verificamos algumas ocorrências de artigos relacionados à Enunciação no periódico, cuja publicação inicia em 1981. O n.3 (jan.-jun.1982) traz dois artigos: um de Rosa Attié Figueira (“Aprendendo a estrutura dos enunciados que indicam mudança de estado/locação sem a participação do agente”) e outro de Vera Lúcia Aguiar (“O sujeito enunciativo e o discurso por ele produzido no processo de aquisição oral de uma língua estrangeira”). No n.7 (jul.-dez.1984), aparece o texto “O sujeito na teoria enunciativa de Antoine Culioli: algumas referências”, de Cathérine Fuchs. No número seguinte (n.8, jan.-jun.1985), Eduardo Guimarães publica “Não só... mas também: polifonia e argumentação”. No mesmo ano, no n.9, “Do dialogismo à forma dialogada” (de Francis Jacques) e “Operadores de argumentação e diálogo” (de João Wanderley Geraldí, Eduardo Guimarães e Rodolfo Ilari) estão presentes. No segundo semestre de 1990, no v.19¹⁰, com tradução de Celene Maria Cruz e de João Wanderley Geraldí, há o texto “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”, de Jacqueline Authier-Revuz. Em um número dedicado à Pragmática, o v.30 (jan.-jun.1996), há o texto “Língua e enunciação”, de Eduardo Guimarães. No v.41 (jul.-dez.2001), Edwiges Maria Morato publica o artigo “(IN)Determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos”, usando Enunciação, mas também Análise da Conversação e Linguística Textual. Por fim, “Efeitos argumentativos de um ‘Bilhete de amor’”, de Cláudia Mendes Campos, aparece no v.47 (1-2) (2005). Dos 48 volumes da publicação¹¹, portanto, há Enunciação em oito deles.

Publicação quadrimestral do programa de pós-graduação em Linguística Aplicada da UNISINOS, a revista Calidoscópio¹², editada quadrimestralmente desde dezembro de 2003, traz o artigo “Enunciação e sintoma da linguagem: um estudo sobre as relações metafóricas e metonímicas”, de Valdir do Nascimento Flores, Luiza Milano Surreaux e Tanara Zingano Kuhn, no v.4, n.1 (jan.-abr.2006). Há também, no v.4, n.2 (maio-ago.2006), os artigos “O poder no circuito da Enunciação”, de Naysa Tesser, e “Enunciação escrita e alfabetização: sobre a alteridade na linguagem”, de Silvana Maria Bellé Zasso.

O caso da revista Organon, revista do Instituto de Letras da UFRGS, é peculiar. Primeiro, porque ela foi originalmente lançada em março de 1956 como uma revista da Faculdade de Filosofia – já que, na época, havia apenas Departamento de Letras dentro dessa faculdade. A partir de 1969 (n.14), passa a ser da Faculdade de Letras, mas fica até 1986 (quando sai o n.15) sem ser publicada, e o n.16 é de 1989. Em 1991, a revista é retomada com regularidade. A segunda peculiaridade é que, como a revista é sempre temática, são poucos os números em que efetivamente é possível haver artigos sobre Enunciação, embora haja uma parte dedicada a temas livres.

A Enunciação irá aparecer diretamente no volume de n.23, de 1995, cujo tema foi “O texto em perspectiva”, sendo a publicação dividida em quatro perspectivas: a da Linguística Textual (com quatro textos), a da Enunciação (com cinco textos), a da Análise do Discurso (também com cinco textos) e a Semiótica (com seis textos). No n.28 (2000), de tema “Estudos da língua falada”, há um texto da professora Eleni Jacques Martins (“Da interação ao discurso de língua falada”). A edição de 2002, com dupla numeração (n.32/33) é toda dedicada ao tema “Os estudos enunciativos: a diversidade de um campo”.

¹⁰ A partir da décima edição, a numeração da revista passou de “número” para “volume”.

¹¹ Não tivemos acesso aos volumes 1, 29, 35, 38, 40 e 42.

¹² Não tivemos acesso aos números 1 e 3 do segundo volume.

Em termos de tema livre, há três ocorrências de textos ligados à Enunciação. A primeira, no n.24 (1996), é uma resenha, feita por Ana Zandwais, do livro *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*, de Eduardo Guimarães. No n.27 (1999), há a resenha do livro *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*, de Valdir do Nascimento Flores, escrita por Marlene Teixeira. Por fim, com bibliografia baseada em Authier-Revuz, o artigo “Gramática: o discurso indireto numa perspectiva discursiva”, de Mariluci Bianchi, está no n.17 (2003).

A segunda publicação do Instituto de Letras da UFRGS são os *Cadernos do IL*, periódico em circulação de 1989 a 2005. Há, no total de 31 números, dois textos da Linguística da Enunciação. São eles “A negação como uma evidência da polifonia”, de Sabrina Pereira de Abreu, cujo referencial teórico é baseado em Oswald Ducrot (n.13, jul.1995), e “Determinações linguísticas e enunciativas da regência verbal do português: estudo de um caso”, de Silvana Silva (n.26-27, dez.2003).

A *Letras de Hoje*, editada pelo Curso de Pós-graduação em Linguística e Letras da PUC-RS, é publicada ininterruptamente desde 1967. O periódico apresenta artigos da área de Enunciação em quatorze das 146 edições já publicadas. Dentre essas quatorze edições, os números 126 (de dezembro de 2001) e 138 (de dezembro de 2004)¹³ são especiais nesse sentido, pois o primeiro trata apenas de temas do Texto e do Discurso e o segundo refere-se apenas a textos sobre enunciação dentro da perspectiva benvenistiana.

Esse volume – n.138, organizado por Valdir do Nascimento Flores, Leci Borges Barbisan e Marlene Teixeira – é representativo do núcleo que se formou em torno dos estudos enunciativos no sul do país. O periódico é todo dedicado aos artigos produzidos para o Colóquio de leituras de Émile Benveniste, realizado na própria PUC-RS. Os temas dos artigos visitam a epistemologia e a metodologia da Linguística da Enunciação, além da Teoria da Enunciação benvenistiana e suas relação com outras áreas do conhecimento.

A última publicação que analisamos é *Letras*¹⁴, revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), sempre temática. Destacamos, inicialmente, um de seus volumes. Trata-se do n.33 (2006), que teve como tema “Émile Benveniste: interfaces enunciação e discursos”, organizado por Karina Giacomelli e Vera Lúcia Pires, daquela universidade. Muitos dos autores apresentados na publicação da UFSM, não por coincidência, haviam participado do Colóquio realizado em 2004 na PUC-RS. Essa reincidência revela não só a existência de grupos interessados nos estudos enunciativos – particularmente na UFRGS, na PUC-RS, na UNISINOS e na UFSM – como sua dedicação em mostrá-lo. Ademais, esses pesquisadores tentam agregar a seus olhares teóricos a visão de quem, de forma dispersa no país – como José Luiz Fiorin e Beth Brait –, também trata de Enunciação ou, ainda, de quem trata da Enunciação na França, onde a área em questão se encontra solidificada.

Afora o número já citado, há outros dois volumes que trazem artigos ligados à Enunciação. No n.26 (jan.-jun.2003), há “Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano”, de Eduardo Guimarães. O n.27 (jul.-dez.2003) traz “Enunciação e política de línguas no Brasil”, também de Eduardo Guimarães. Uma última observação é que há um número da revista – 25 (jul.-dez.2002) – que traz os resumos da produção discente do PPG de Letras da instituição no período de 1991 a 2003. Dentre todas as dissertações, há apenas um da área da Enunciação: “Um jogo de máscaras: a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) e o discurso pedagógico sobre os conteúdos de ensino”, de Karina Giacomelli.

Evidentemente, o baixo volume de publicações constatado não significa que não se publique sobre Linguística da Enunciação no país, especialmente porque a ausência em revistas não implica a não-existência de livros sobre as teorias da área. Tampouco supomos que qualquer publicação tenha a obrigação de apresentar artigos de qualquer área que seja, até mesmo porque esse fato não depende apenas das revistas, mas também dos estudiosos. O que é interessante marcar é o fato de que a identificação de um campo em atividade desde a década de 1970 não ser completamente evidente para as instituições e para as publicações – e conseqüentemente, para os indivíduos.

1.2. As publicações editoriais

Não há muitos livros publicados no Brasil na área da Linguística da Enunciação, ainda que levemos em conta as teorias da Enunciação em separado, se são considerados apenas textos de autoria de brasileiros. Fizemos aqui uma seleção das obras que julgamos mais representativas nessa direção.

¹³ A revista segue duas numerações; a aqui referida é a de capa.

¹⁴ Não tivemos acesso ao n.32.

O primeiro exemplo a ser citado é Carlos Vogt, com o brilhante *O intervalo semântico*, de 1977. O texto, prefaciado por Oswald Ducrot, é um estudo enunciativo filiado à semântica argumentativa, ou seja, aos estudos do próprio Ducrot.

Seguindo os autores que já abordaram a Enunciação, chegamos à professora Eleni Jacques Martins, que, em 1990, publicou *Enunciação e diálogo*, obra na qual busca uma noção enunciativa de diálogo, ou, como a própria autora descreveu, tinha o “objetivo de investigar o diálogo, sua natureza e possibilidades de ocorrência” (Martins, 1990, p.183).

Outro pesquisador que trazemos é Eduardo Guimarães, com um grande número de livros que se insere no campo da Enunciação. Seus estudos podem ser identificados por “*Semântica histórica da Enunciação*”, denominação do próprio autor. O autor funda seus estudos em teorias enunciativas, mas articula-as com outras áreas¹⁵.

O professor José Luiz Fiorin é autor de uma vasta obra na área de estudos da linguagem, dedicando-se à Semiótica greimasiana. Tomamos como exemplo *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*, em que Fiorin faz uma ampla descrição das categorias citadas, considerando que “O discurso não é uma grande frase nem um aglomerado de frases, mas um todo de significação. [...] Considerado como totalidade, o discurso é constituído pela enunciação.” (FIORIN, 1999, p.30).

Outra obra relevante que queremos registrar é *A propósito da noção de dêixis*, de Michel Lahud. No texto, o autor se pergunta: “o que o homem faz com os dêiticos de sua linguagem? Do que a presença desses termos é diretamente responsável?” (LAHUD, 1979, p.40). A partir desses questionamentos, o autor se propõe a investigar o assunto, e aponta para o fato de que as denominações usadas para designar os dêiticos – como shifters (Jakobson), símbolos-indicadores (Charles Peirce), indicadores de subjetividade (Benveniste), por exemplo – refletem o ponto de vista pelo qual se olha o fenômeno.

Em termos de coletânea de trabalhos acerca da Enunciação, vale citar o livro *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*, organizado por Beth Brait. Editado em 2001, foi a publicação dos textos apresentados no seminário de igual nome, realizado em 1998, na Universidade de São Paulo. Relata Brait (2001, p.5) que o seminário contara com a presença de pesquisadores de diferentes perspectivas da enunciação. Os autores dos artigos são: a própria organizadora, Carlos Alberto Faraco, Helena Nagamine Brandão, Ingedore Koch, Irene Machado, José Luiz Fiorin, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, Orlando Vian Jr., Roxane Helena Rodrigues Rojo e Sírio Possenti. Se a coletânea tem o mérito de reunir estudiosos em torno do tema e, depois, os artigos decorrentes do seminário em um livro, levando-o ao público acadêmico, não podemos dizer que não há falha ao inserir textos que consideram a perspectiva discursiva (Brandão) e textual (Koch).

Por fim, lembramos o conjunto de obras ligadas diretamente ao nosso grupo de trabalho¹⁶. O primeiro livro a ser lembrado é de Valdir do Nascimento Flores: *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação* (1995). O segundo destaque é para *Introdução à Linguística da Enunciação* (1999), também de Valdir do Nascimento Flores, mas, desta vez, acompanhado de Marlene Teixeira. No livro, os autores levam ao público acadêmico, pela primeira vez no Brasil, uma visão mais clara do campo Linguística da Enunciação. O texto, como um manual que é, dá um panorama de reconhecimento da Linguística da Enunciação. O livro *Enunciação e gramática* (FLORES et alii, 2008) é o terceiro título ligado ao grupo. Lançado em 2008, objetiva apresentar aspectos da teoria benvenistiana e sua aplicação à língua portuguesa. A última obra citada é o *Dicionário de linguística da enunciação* (FLORES et alii, org., 2009), cujos maiores destaques são a participação de mais de quarenta linguistas do Brasil na elaboração de cerca de quatrocentos verbetes de catorze teorias enunciativas e o ineditismo da proposta dos organizadores: dar visibilidade ao campo de estudos autônomo denominado Linguística da Enunciação.

2. As causas da pouca visibilidade

A questão que colocamos neste ponto é: por que motivo a Linguística da Enunciação, mesmo sendo um campo constituído, tem reduzida visibilidade em nosso país? Pensamos que esse fato decorra diretamente da forma como as teorias enunciativas foram introduzidas no Brasil.

¹⁵ Vale ressaltar que acreditamos que, para se propor a trabalhar com a Enunciação, como com qualquer área de estudos, é necessário aceitar seus preceitos fundamentais e fundantes, entre eles as suas limitações. Isso implica o fato de que qualquer teoria que se use para fazer análise de qualquer objeto deve ter por especificidade assumir um ponto de vista.

¹⁶ O grupo dos Estudos Enunciativos da Linguagem (EEL), vinculado à UFRGS.

No final da década de 1970, chegam ao país duas grandes correntes de estudo: A Análise do Discurso de linha francesa (AD) e a Linguística Textual (LT).

A AD, afirma Ferreira (1999), “já tem uma história consistente, que vem sendo construída há cerca de 30 anos e que já se estende por vários quadrantes do território. O marco inicial dessa história se dá em Campinas, em torno da figura de Eni Orlandi, em fins da década de 70”. Seguidora dos primeiros escritos de Michel Pêcheux, especificamente os de 1969 e 1975, a AD funda suas bases na crítica ao Estruturalismo por duas exclusões fundamentais: a primeira, do sujeito; a segunda, do contexto sócio-histórico.

A noção de contexto da AD pouco diz de sua relação com as teorias da Enunciação. Entretanto, quanto chega à questão do sujeito, a AD estende a crítica à ausência de uma atenção ao sujeito que se faz no Estruturalismo à noção de sujeito das teorias da Enunciação em geral, e, em especial, à teoria de Émile Benveniste. Isso decorre de uma forma peculiar de leitura da obra do autor que é feita pela AD tal qual é trazida para o Brasil¹⁷. Como resultado, é feita a ressalva à obra de Benveniste; mais especificamente, a crítica é feita à concepção de sujeito. Fazendo uma interpretação de Benveniste, Orlandi afirma que

Observando a distinção, feita pelo autor, entre o semiótico (que deve ser reconhecido) e o semântico (que deve ser compreendido), vemos que a enunciação, processo mediador do semântico, se define como um processo de apropriação, enquanto realização individual.

[...] É o locutor no exercício do discurso que se apropria das formas que a linguagem propõe e às quais ele se refere a sua pessoa definindo-se a si mesmo (como eu) e ao parceiro (como tu). Nessa perspectiva, o processo do eu é semântico, é histórico, enquanto o tu permanece no nível semiótico. [...] Assim, o interlocutor, enquanto tal, é possibilidade estabelecida pelo semiótico, e quando se faz semântico, se faz locutor. É só nesse sentido que vemos um contato entre o semiótico e o semântico, mas que não se faz como passagem, e é dissimétrico. Nesse sentido, o quadro figurativo da enunciação – as duas figuras em posição de participantes que são alternativamente protagonistas da enunciação – aparece como cenário para que o eu represente seu papel. E a concepção dialética proposta por Benveniste (1976) em “Da subjetividade na linguagem” (p.287) desaparece: o que há é um eu que subsume um tu, pois este só se faz presente se se torna um eu. O estatuto da enunciação é, no mínimo, obscuro e disso decorre uma série de dificuldades na interpretação dos planos de Benveniste. (ORLANDI, 1996, p.107-108)

Neste momento, faremos uma breve digressão, relacionando a leitura que é feita pela AD de linha francesa com a nossa¹⁸, não como forma de diminuir uma em detrimento da outra. Não nos cabe avaliar a validade da leitura realizada pela autora ou pela AD. Faremos essa relação porque cremos que essa interpretação interferiu na recepção das teorias da Enunciação no Brasil.

Retomando a citação de Orlandi. Pensamos que há, de fato, contato entre os níveis semiótico e semântico, propostos por Benveniste, e ele se dá a partir da noção de quebra da dicotomia saussuriana língua/fala. Se há a possibilidade de uma leitura de Benveniste em que o semiótico e o semântico não se articulam, ela parte diretamente da dicotomia tal qual proposta por Saussure, e não da leitura que é feita por Benveniste e pelos demais autores da Enunciação¹⁹.

A relação entre o eu e o tu não é, acreditamos, de subsunção. Eu constitui tu na e pela enunciação, assim como a si mesmo, ao aqui, ao ele, ao agora. O sujeito só se constitui com os demais elementos do contexto enunciativo (linguístico), inclusive o tu. Não há subjetividade sem intersubjetividade, sem contraste. É somente a partir da intersubjetividade que o eu se reconhece como tal.

Diz ainda Orlandi que

Em Benveniste é o sujeito que se apropria da linguagem, num movimento individual. Nesse passo, podemos dizer que, pela consideração fundamental das condições de produção na AD, não é o sujeito (locutor) que se apropria, mas há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletida a ilusão do sujeito, isto é, sua interpelação feita pela ideologia. É nesse jogo do lugar social e dos sentidos estabelecidos que está representada a determinação histórico-social do discurso. (ORLANDI, 1996, p.110)

¹⁷ Para uma avaliação mais extensa sobre a delimitação do campo da Linguística da Enunciação e suas relações com a Linguística Textual, a Análise do Discurso de linha francesa e a Pragmática, ver o segundo capítulo de nossa dissertação, já citada (CREMONESE, 2007).

¹⁸ Nessa leitura, usamos o aporte teórico benvenistiano.

¹⁹ Para um maior detalhamento deste ponto, consultar o segundo capítulo nossa dissertação (CREMONESE, 2007).

Vemos que há um aspecto a ser marcado na distribuição das informações. A noção de apropriação do sujeito pelo social da AD (ou interpelação pela ideologia) tem uma larga diferença em relação à noção de apropriação da Enunciação. A ideologia, para a AD, é o processo de atribuição de sentidos, é o que faz com que o sujeito tenha a ilusão de ser a origem de seu dizer. A partir dela, o indivíduo é interpelado em sujeito.

Já nas teorias da Enunciação, a apropriação da língua se dá pelo sujeito que, na e pela enunciação, se constitui como tal, o que faz com que se possa dizer que, em uma visão enunciativa, o sujeito está inserido na linguagem. Não há, em Enunciação, um processo correspondente ao de interpelação em sujeito da AD, à medida que o sujeito se constitui (isto é, o indivíduo cria uma representação de si, do outro e do mundo) a partir da e na enunciação. Não há como fazer o paralelo apresentado por Orlandi, porque os processos são diferentes, parte-se de pontos diversos. Na AD, parte-se da ideologia, do social; já na Enunciação, da representação do sujeito. São dois pontos de vista distintos, que levam em consideração aspectos distintos. São, em suma, formas diferentes de ver um mesmo objeto, a linguagem.

Vemos, nesta citação, a que se opõe Orlandi:

De certa forma, pode-se dizer que a linguística tem tido seus tropeços. Neste trabalho, partirei de dois deles, que, no final, são apenas um.

a) O primeiro para o qual apontarei – e do qual já tratei em passagem em outros textos – é o da linguística feita a partir do locutor. É o que se pode ver, por exemplo, em Benveniste (1974 e 1976), em que se trabalha o privilégio do falante, ou seja, a perspectiva pela qual se considera o “eu” e o “outro” dá-se pelo enfoque do “eu”.

Não é só de Benveniste essa posição. Ela pode ser vista através de toda a teoria da enunciação.

[...] b) O segundo tropeço é o da consideração da linguagem prioritariamente em sua função representativa, informacional.

Tem-se considerado a função representativa como a essencial, a que define a linguagem. Daí se pensar a comunicação sob o enfoque da informação. Isto é, de um lado, a partir da representação, pensa-se o percurso psíquico da linguagem (relação pensamento/linguagem) sob o aspecto formal e, de outro lado, do ponto de vista funcional o percurso social da linguagem é pensado sob o enfoque da comunicação enquanto informação. (ORLANDI, 1996, p.149-151)

Não nos cabe determinar as áreas a que se opõe a AD de linha francesa, tampouco expor profundamente suas características e concepções. O que nos cabe dizer é que, se, segundo Orlandi, a AD se opõe a uma visão de linguagem como comunicação, não é às teorias da Enunciação que devem ser dirigidas as críticas, já que o próprio Benveniste afirma que a linguagem não pode ser considerada um instrumento de comunicação, pois “a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 1995, p.284-285). Para Benveniste, a função fundamental da linguagem não é a comunicação. A partir da linguagem o homem se constitui como sujeito, é a partir dela e nela que o homem constrói sua representação de si, do outro, do mundo. Da mesma forma, “a linguagem exige e pressupõe o outro” (Benveniste, 1989, p.93), a representação de si depende da imagem do outro no sujeito. Não há eu sem tu, sem intersubjetividade.

Realizamos essa digressão porque acreditamos, como dissemos, que a leitura feita pela AD de linha francesa fez das teorias da Enunciação – em especial da benvenistiana – interferiu na maneira como essa área foi recebida no Brasil. Mais uma vez: não é nossa tarefa julgar tal leitura. Compete-nos registrar que ela ajudou a gerar um apagamento das teorias da Enunciação no Brasil.

Apontando a introdução da Linguística Textual no Brasil, afirma Koch que “é no final da década de 70 que começam a surgir, no Brasil, os primeiros trabalhos dedicados ao estudo linguístico do texto [...]. Somente na década de 80, contudo, começam a multiplicar-se os estudos em Linguística Textual (KOCH, 1999).

Bentes (2005) afirma que a Linguística Textual está entre os estudos da linguagem que buscam ir além da frase, opondo-se ao Estruturalismo e procurando “reintroduzir, em seu escopo teórico, o sujeito e a situação de comunicação” (p.245). A autora refere três momentos da disciplina, não necessariamente cronológicos. O primeiro seria a análise transfrástica, no qual “um texto é definido como uma ‘sequência coerente de enunciados’” (p.247). No segundo, houve “a construção de gramáticas textuais” (p.247). O terceiro momento é “a elaboração de uma teoria do texto” (p.247), em que “o texto passa a ser estudado dentro de seu contexto de produção e a ser compreendido [...] como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sociocomunicativas” (p.247).

A LT acaba tomando noções de outras áreas, como da Pragmática ou da Enunciação. Como exemplo, podemos citar um momento do texto em que a autora, apesar de marcar o fato de que a LT e o que ela chama de semântica enunciativa serem campos distintos, faz uma menção a trabalhos de Guimarães e Vogt:

Para um maior aprofundamento sobre os tipos de relações que se estabelecem entre os enunciados, ver Guimarães (1987), Koch (1987) e Vogt (1980). No entanto, é importante ressaltar que os trabalhos de Guimarães e Vogt inserem-se mais na perspectiva da Semântica Enunciativa do que em uma perspectiva textual propriamente dita. [Grifo nosso.] (BENTES, 2005, p.248, nota de rodapé n.9)

Ora, se o objeto teórico da LT é o texto, por que a remissão à noção de enunciado, que obedece a outro paradigma²⁰? Essa remissão acontece sucessivas vezes na análises apresentadas: “conexão entre enunciados”, “a que se estabelece o primeiro e o segundo enunciado” (p.248), “relações argumentativas adequadas entre os enunciados” (p.249), “quando um conjunto de enunciados constitui um texto” (p.250).

Os estudos em teorias pragmáticas se iniciam no país no início da década de 1980. Rajagopalan registra que “são vários os fatores que dificultam qualquer tentativa de averiguar as pesquisas no campo da pragmática no Brasil”, em especial devido “à própria indefinição a respeito do que vem a ser a pragmática” (RAJAGOPALAN, 1999). A Pragmática, por características próprias de similaridade com outras disciplinas – em especial com a Linguística da Enunciação –, perdeu, em alguma medida, a nitidez de suas fronteiras em determinados casos.

No primeiro dos dois volumes do livro Introdução à linguística, organizado por José Luiz Fiorin, no texto “A linguagem em uso”, Fiorin (2003, p.166) afirma que a Pragmática tem como característica o fato de que a fala é considerada como um ato do homem que “comunica mais do que aquilo que se significa num enunciado, pois quando se fala, comunicam-se também conteúdos implícitos”. Contudo, na página seguinte, o autor explicita uma classificação de Moeschler, segundo a qual haveria três domínios que exigiriam uma dimensão pragmática de estudos, sendo o primeiro deles a enunciação. Nesse ponto, não há referência direta aos estudos enunciativos, podendo-se considerar que o enunciado de que fala a Pragmática não é o mesmo das teorias da Enunciação. No entanto, o segundo volume da mesma obra traz o capítulo “Pragmática”, também de Fiorin. Ali, o autor, já na Introdução, afirma:

No primeiro volume, vimos que a Pragmática é a ciência do uso linguístico, estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística. Um dos domínios de fatos linguísticos que exigem a introdução de uma dimensão pragmática nos estudos linguísticos é a enunciação, ou seja, o ato de produzir enunciados, que são as realizações linguísticas concretas. (FIORIN, 2003, p.161) [Grifos nossos.]

Tal capítulo traz ainda um tópico denominado “A enunciação”, que se inicia com a afirmação de que “o primeiro sentido de enunciação é, como vimos, o de ato produtor do enunciado. Benveniste diz que a enunciação é a colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização, ou seja, o falante utiliza-se da língua para produzir enunciados” (FIORIN, 2003, p.162). O autor segue caracterizando a Teoria da Enunciação benvenistiana através das categorias pessoa (fazendo a diferenciação pessoa/não-pessoa), de tempo (opondo o tempo linguístico ao tempo cronológico), de espaço (o agora) e, por fim, expõe “a discursivização das categorias enunciativas” com base em Algirdas Julien Greimas e Joseph Courtés.

Vemos que o autor coloca em relação as duas áreas – Enunciação e Pragmática –, tanto pelos fragmentos explicitados quanto pelo fato de que não há qualquer artigo, nos dois volumes de Introdução à linguística de Fiorin, que se refira diretamente às teorias da Enunciação ou à Linguística da Enunciação.

O mesmo acontece nos três volumes de Introdução à linguística, de Mussalim e Bentes, no qual, do capítulo dedicado à Pragmática, consta a seguinte passagem:

Vale a pena observar que, entre os autores e autoras que são referência para a Pragmática, também estão os franceses Oswald Ducrot e Émile Benveniste, e o americano H.P. Grice. Até o final da década de 1980, muitos trabalhos cuja orientação teórica está fundamentada nesses autores incluem-se na área da Pragmática. Entretanto, a evolução de seus trabalhos conferiram-lhes campos de estudos e métodos hoje separados dos pragmáticos. A Semântica Argumentativa e a Análise da Conversação são duas correntes outrora

²⁰ Diferentes linhas podem, evidentemente, adotar termos que têm noções diversas em áreas distintas. O que esperamos é explicitação de critérios e de teorias, inclusive na remissão às fontes, para que, por exemplo, o estudante, público-alvo da obra introdutória à linguística citada, não confunda epistemologias.

participantes do movimento que integrou componentes pragmáticos aos estudos linguísticos. (PINTO, 2004, p.51) [Grifos nossos.]

Percebemos, assim, que se vê Benveniste e Ducrot como autores ligados inicialmente à Pragmática, e Benveniste, hoje, relacionado à análise da conversação. Entendemos, de certa forma, a confusão com relação a Ducrot, já que o próprio autor chama por vezes seus trabalhos de Pragmática. Contudo, mesmo nesse caso, o qualificativo linguística do sintagma deveria evitar qualquer confusão, não deixando dúvidas quanto às suas filiações, sem falar das menções em sua obra às influências de seu estudo.

Entre os anos de 1978 e 1982, foram lançados os quatro volumes de Fundamentos metodológicos da linguística, organizados por Marcelo Dascal. A obra tem o mérito de dar acesso ao público do país a grandes autores e temas dos estudos linguísticos. O quarto volume, no entanto, dividido em duas partes, traz, em sua parte dedicada à Pragmática, o célebre texto “A natureza dos pronomes”, de Émile Benveniste. A inclusão da Pragmática em uma obra de Linguística é problematizada por Dascal. O autor afirma: “Enquanto que ninguém levantaria objeções à inclusão das partes relativas à fonologia, sintaxe e semântica numa série dedicada aos fundamentos da linguística [...], tal unanimidade está longe de ser garantida no caso da pragmática” (DASCAL, 1982, p.7). A problematização se refere à inclusão de um elemento externo à Linguística em uma obra dedicada a esta ciência. Ainda que a Pragmática seja conceituada de forma muito ampla, fica muito claro que todos os estudos ali relacionados remeteriam a componentes extralinguísticos. Embora Dascal afirme, em nota de rodapé, que Benveniste seja o único linguista com ‘carteira profissional’ (p.20), não há, em qualquer momento, menção ao fato de o autor francês considerar seu objeto incluído na Linguística, não na Pragmática, o que pode levar a uma leitura equivocada do artigo.

Um dos grandes problemas na forma como as linhas de estudo da linguagem entraram no país é a confusão entre as disciplinas e a consequente desorientação epistemológica. Isto é, aos fatos de, por um lado, a Enunciação ter sido introduzida como pertencente aos campos ora da Pragmática, ora da Linguística Textual e, ao mesmo tempo, tenha sido lida pela AD de uma maneira muito particular, segue-se o problema fundamental, qual seja, a pouca visibilidade, em grande parte da comunidade acadêmica do país – individual e institucionalmente –, da existência do campo de estudos autônomo denominado Linguística da Enunciação.

Afirma Flores:

No que tange especificamente aos trabalhos de Benveniste, de um lado, houve, até meados dos anos 60, um ensurdecimento dos teóricos para a enunciação devido à larga aceitação dos trabalhos estruturalistas oriundos de Hjelmslev e desenvolvidos na linha greimasiana, cujo princípio de imanência excluía a pertinência do sujeito e dos mecanismos de sua enunciação para a linguística. De outro lado, a Linguística da Enunciação foi, por muito tempo, emudecida pelo advento de teorias que a criticavam, principalmente, quanto à noção de sujeito que acreditavam estar a ela subjacente. Exemplo disso é a posição teórica presente na primeira e na segunda fases da Análise do Discurso de linha francesa de Michel Pêcheux. (FLORES, 2004, p.219)

Apesar desses fatores, e mesmo com uma identificação frágil no Brasil, a Linguística da Enunciação seguiu e segue congregando mais estudos, noções e teorias. Como mostram Flores e Teixeira (2005, p.102-103), através de vários exemplos, o sintagma Linguística da Enunciação é corriqueiro na França, onde os estudos enunciativos são absolutamente instituídos, mas, no Brasil, essa configuração não se deu.

A Linguística da Enunciação acabou, no Brasil, dentro de uma configuração que dificulta que sejam visualizadas de forma clara as suas fronteiras, os seus exteriores e até mesmo os seus interiores teóricos. Se a causa desse desconhecimento, tal qual analisado, está ligada à forma particular de apropriação dessa linguística por diferentes disciplinas, a causa do reconhecimento acadêmico não poderá ser outra que a produção mais intensa e a divulgação eficiente por parte daqueles que trabalham nesta área.

Referências bibliográficas

ALFA: Revista de linguística. Marília, SP: UNESP, 1962-.

ANPOLL. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/>>. Acesso: ago. 2006 e out. 2009.

ALTMAN, Cristina. A pesquisa linguística no Brasil: 1968-1988. São Paulo: Humanitas-FFLCH-USP, 1998.

- ANPOLL. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/>>. Acesso: ago.2006.
- BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. 4.ed. Campinas: Pontes, UNICAMP, 1995.
- _____. Problemas de linguística geral II. Campinas: Pontes, UNICAMP, 1989.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do texto e do discurso no Brasil. D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v.15, 1999.
- BRAIT, Beth (Org.). Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes: São Paulo: FAPESP, 2001.
- CADERNOS DO IL. Porto Alegre: UFRGS, 1989-.
- CALIDOSCÓPIO: Revista de linguística aplicada. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003-.
- CREMONESE, Lia Emília. Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Co-orientação: Maria José Bocorny Finatto. Porto Alegre, 2007.
- DASCAL, Marcelo. Fundamentos metodológicos da linguística: pragmática: problemas, críticas, perspectivas da linguística. V.4. Campinas: 1982.
- D.E.L.T.A.: Revista de documentação de estudos em linguística teórica e aplicada. São Paulo: Educ, 1985-.
- DUCROT, Oswald. Prefácio. In: VOGT, Carlos. O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo: Ática, 1977.
- ESTUDOS ENUNCIATIVOS da Linguagem (EEL). Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/eenunciativos/>>. Acesso: abr. 2009.
- FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. Pragmática. In: _____ (Org.). Introdução à linguística II: princípios de análise. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003. (p.161-187)
- _____. Enunciação e semiótica. Letras: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Artes e Letras. n.33, p.69-97, jul./dez.2006.
- FLORES, Valdir do N. . Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação. Porto Alegre: EdiPUC-RS, 1999.
- FLORES, Valdir do N.; TEIXEIRA, Marlene. Introdução à Linguística da Enunciação. São Paulo: Contexto, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento et alii. Enunciação e gramática. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, Ingedore. O desenvolvimento da linguística textual no Brasil. D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v.15, n.especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso: ago.2006.
- LAHUD, Michel. A propósito da noção de dêixis. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Ensaios.)
- LETRAS DE HOJE. Porto Alegre: PUC-RS, 1967-.
- MARTINS, Eleni Jacques. Enunciação e diálogo. São Paulo: UNICAMP, 1990.
- ORGANON. Porto Alegre: UFRGS, 1956-.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4.ed. Campinas: Pontes, 1996.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (Orgs.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, v.2. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004. (p.47-68.)

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Os caminhos da pragmática no Brasil. D.E.L.T.A., São Paulo, v. 15, n. especial, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: ago. 2006.

REVEL. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/>>. Acesso: ago. 2006 e set.2007.

REVISTA DA ABRALIN. Rio de Janeiro: ABRALIN, 2002-.

REVISTA DA ANPOLL. São Paulo: ANPOLL, 1995-.

VOGT, Carlos. O intervalo semântico: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo: Ática, 1977.